

Plano de Lula para câmbio depende de boa vontade de empresas, dizem especialistas

Para especialistas, boa vontade dos governos não basta para proposta do presidente Lula na China

Por Rafael Vazquez — De São Paulo

14/04/2023 05h02 · Atualizado há 3 dias



Sandra Rios: Não há interesse das empresas por ora em abrir mão do dólar — Foto: Leo Pinheiro/Valor

Especialistas consideram que a proposta defendida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva de os países emergentes deveriam passar a comercializar entre si com outras moedas, em lugar do dólar, é menos polêmica do que parece, mas destacam que a iniciativa também é mais complexa do que aparenta e não depende apenas da boa vontade dos governos.

Em discurso ontem na China, Lula questionou “por que todos os países estão obrigados a fazer o seu comércio lastreados no dólar?”. No entanto, o sócio da consultoria BMJ Welber Barral, especializado em temas de comércio internacional, observa que nenhuma empresa é obrigada a operar em dólar. “A grande questão é que o mercado, principalmente em operações de médio e longo prazo, escolhe moedas que tenham pouca variação. Por isso o dólar é o preferido, depois o euro, a libra, o franco suíço. São moedas estáveis e conversíveis”.

Esse é o obstáculo, segundo Barral, para que os agentes econômicos privados tenham disposição para fazer suas transações sem a intermediação do dólar. “Quem importa e exporta são as empresas. Seria preciso criar incentivos para que deixem de usar uma moeda na qual já confiam. Tirar o dólar poderia até ser vantajoso porque evitaria a dupla conversão - real para dólar e depois dólar para yuan. Mas não tem como impor isso às empresas”, explica. “Principalmente em operações de médio e longo prazo em que a confiabilidade e a estabilidade das cotações são fundamentais.”

Para a economista Sandra Rios, pesquisadora do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri) e diretora do Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento (Cindes), é natural que as lideranças dos países pensem em um movimento que permita transações diretas entre as suas moedas, dada a importância que a China tem para o comércio exterior brasileiro hoje. Os bancos centrais dos dois países, inclusive, já assinaram um acordo no mês passado para criar um mecanismo que permite a conversão direta do real e do yuan em operações comerciais.

Contudo, ela destaca o mesmo ponto sobre a confiança das empresas em usar o mecanismo direto e abrir mão da segurança do dólar. “Não vejo demanda no mercado. Quem faz comércio e quem se financia no mercado internacional são majoritariamente as empresas. Não as vejo interessadas, pelo menos por enquanto.”

Rios lembra que, em 2008, Brasil e Argentina criaram sistema de pagamentos em moeda local que basicamente permite transações diretas entre real e peso sem necessidade de converter ao dólar. “Mas é muito pouco utilizado”, afirma.

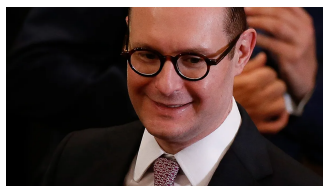
Ela acredita que o crescimento de operações do comércio bilateral lastreadas diretamente em real e yuan podem acabar sendo o resultado natural ao longo prazo, mas para isso tanto o real e principalmente o yuan devem se tornar moedas mais conversíveis, ou seja, precisam ser aceitas em qualquer banco do país estrangeiros, além do fator estabilidade.

O economista sênior da Occam André Duarte, observa que o yuan já está sendo usado como moeda de referência em países como Irã e Rússia, que sofrem com sanções econômicas dos EUA. Para ele, no cenário atual em que os EUA se retraem perante o mundo e a China expande a sua influência, será mais comum outros países também pensarem nesse movimento. Porém isso não deve acontecer sem resistências dos EUA caso a iniciativa se espalhe por países visto como aliados como o Brasil.

Especialista nas relações entre EUA e China da Universidade Georgetown, o americano Evan Medeiros faz alerta sobre abandonar o dólar como moeda de referência. “Ajuda o presidente Xi Jinping a espalhar a narrativa a favor do yuan. Mas seria arriscado para o Brasil. O yuan não é conversível e o sistema financeiro chinês está cheio de riscos”, disse em sua participação no evento “Brasil-EUA-China: perspectivas para o relacionamento triangular”, do Cebri.

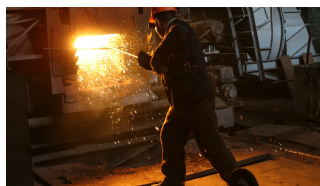
Recomendadas para você

Política



Lula é aconselhado a indicar Zanin para vaga no STF para evitar

Carreira



Executivos preveem mais demissões nos